

Sumário

Planta circular	00
He or she	00
Os momentos importantes da vida	00
Não podia desperdiçar	00
Redução	00
Às avessas	00
À revelia	00
Questão de preferência	00
A história da cabeleira de Bebeth	00
Quase ela	00
Dia da Mulher	00
Bodas de porcelana	00
Primeiro amor	00
Catando a poesia no chão	00
Contradança	00
A estratégia	00

Queima de arquivo	00
Para sempre na memória	00
À moda antiga	00
Tal o pai	00
Depois do Natal	00
Copacabana	00

Planta circular

Magnífico! Ponto nobre, reformado, salão em 2 ambientes, 4 quartos — sendo 1 suíte —, lava-bo, banheiro social, copa-cozinha muito ampla, dependência completa, 2 vagas escrituradas. Sol da manhã e portaria 24h. Agende sua visita com nossos corretores.

PODEM ENTRAR, FIQUEM à vontade. Esse é o meu marido vendo o futebolzinho dele de domingo. Não reparem, a família está toda em casa. Aqui eu aumentei a sala, porque o quarto que fica depois era bem grande, vocês vão ver. Foi pra poder botar essa mesa de jantar, jacarandá maciço, herança de família. Não, não faz muito barulho. Esse primeiro andar é como se fosse o terceiro, porque tem o play e a garagem embaixo. Olha aqui, a janela é dupla. De tardinha, que é o horário do trânsito na

rua, se você fechar, não ouve nadinha. Na Europa é assim, todo mundo tem vidro duplo, só que lá é por causa do frio. Aqui é o quarto de que falei. Esse é o meu filho mais novo com um amigo; Gabriel, dá uma licencinha pro casal ver. Não, eles já estão acostumados! Os armários são novos. Foi meu filho mais velho, que agora é arquiteto, quem planejou tudo. Foi o primeiro projeto dele. Tudo reformado três anos atrás! Por que estou vendendo? Ah, é que o Edgarzinho, meu filho arquiteto, diz que vai sair daqui, então quero ir pra um menor e comprar um apartamento pra ele com a diferença. Quer dizer, vou vender também um flat que a gente tem. Dá licença só um minutinho pra eu falar com ele. Edgar! Edgar, preciso entrar agora para mostrar o quarto. Bem, depois a gente vê, deixa eu primeiro mostrar o escritório. É o quarto que transformei em escritório. Ali é a suíte, podem ir entrando. Cabe uma cama king size. O banheiro foi todo reformado, parte hidráulica, tudo. Aqui tinha uma banheira. Coloquei um boxe bem grande porque não ligo pra banheira, mas isso depende do gosto de cada um. Dá para colocar de novo. Não, não tem closet, mas tem muito armário. Olha só, aproveitei cada cantinho. Aqui é a sapateira. Ali-

ás, vou mostrar o roupeiro do corredor pra vocês. Edgarzinho, meu filho! Por favor, responde! Bem, a gente olha o quarto dele daqui a pouco. Filho, daqui a pouco abre essa porta, vai! Vamos ver a cozinha. A planta é circular. Se você quiser, fecha a porta da sala, e as dependências da casa ficam totalmente isoladas. Eu, por exemplo, participo de um grupo que joga buraco, cada vez é na casa de uma, e algumas delas nunca entraram nesta parte de trás. Privacidade total. Os armários da cozinha são de primeira. Tenho o telefone da loja que fez, eles fazem manutenção de qualquer coisinha. Não que já tenha precisado. Olha só o tamanho da área de serviço. Eu brincava que tinha comprado uma área de serviço quando comprei o apartamento, quatro anos atrás. Ao todo? No IPTU, são 180 metros quadrados, mas o Edgarzinho mediu 194, sem contar as vagas na garagem. Não, não são demarcadas, mas são todas livres, na escritura — vocês sabem como é raro encontrar garagem ampla na Zona Sul do Rio. Já, já vamos descer para ver. Só falta mostrar o último quarto. Vocês me dão licença um minutinho. Fernando! Se está no intervalo, por favor, vai lá conversar com seu filho, ver o que está acontecendo. Por favor. Bem, vamos descer para

ver o play. Vocês me desculpem esse probleminha. Não sei se vai dar pra ver o último quarto, mas a foto está no site da corretora.

Resumo

A cirurgia bariátrica é considerada o tratamento mais efetivo da obesidade mórbida. No entanto, poucos são os estudos que avaliam o impacto dessa cirurgia em longo prazo. O presente trabalho se propõe a, com base em um estudo de caso e em resultados obtidos pelo corte retrospectivo utilizado por Adams *et al.*¹ no período entre 1994 e 2002, avaliar o risco de suicídio relacionado a obesos mórbidos submetidos à cirurgia bariátrica. Embora os resultados do corte mostrem que pacientes submetidos ao procedimento cirúrgico apresentaram uma redução de 40% na mortalidade por qualquer causa, foi evidenciado aumento da mortalidade no grupo-intervenção na categoria considerada “não doença”, que inclui acidentes não relacionados a drogas, envenenamento

¹ Adams, T. D., Gress R. E., Smith S.C.. Long-term mortality after gastric bypass surgery. N. Engl. J. Med., 2007.

por intenção indeterminada, suicídio e outras causas não clínicas. De maior relevância para a Psiquiatria é o resultado de que a taxa de “mortes não causadas por doença” foi 58% maior no grupo cirúrgico, e como “não doença” foram considerados mortes por acidentes e suicídio. O primeiro ponto a se considerar, neste particular, é a inclusão do suicídio na categoria “não doença”. O aumento da taxa de suicídio e de mortes por acidente no grupo operado pode ser atribuído a uma possível psicopatologia de base anterior à cirurgia, o que seria evidenciado a partir do estudo do caso de Edgar P.V., 27 anos, estudante de arquitetura monitorado por acompanhamento psiquiátrico por sete anos, antes e depois da intervenção cirúrgica, sem êxito no controle do quadro depressivo do paciente. A explicação plausível levantada por este trabalho é a de que pacientes que procuraram a cirurgia apresentariam índices maiores de comorbidades psiquiátricas comparados aos controles, como descrito previamente por Sjostrom *et al.*,² o que tornaria o desfecho suicídio mais frequente no grupo cirúrgico.

² Sjostrom L., Lindroos A. K., Peltonen M.. Lifestyle, diabetes and cardiovascular risk factors 10 years after bariatric surgery. N. Engl. J. Med., 2004

He or she

MAL ACORDOU, KÁTIA foi avisada pela filha do meio: o motorista havia deixado um envelope pardo logo cedo, a mando de dona Paula Serra. Paula Serro, Kátia corrigiu. Estava cansada das fornadas da noite anterior. Teve de repetir um pão de ló que se desmanchou, sem falar no confeito de uma fazendinha inteira, os olhos já coçando de sono, mil vezes a galinha pintadinha. Mas correu para o envelope, curiosa.

Dentro, além do bilhete, outro envelope, este do laboratório. Lacrado. Jurava que estaria aberto, não

acreditara na história de que só ela, Kátia, saberia. Bem, de certa forma estava acostumada a manter sigilo em seu negócio. Não eram poucas as clientes que recomendavam cuidados; nunca se sabe quando uma suposta amiga está disposta a copiar o tema da festa do filho. Mas aquilo...

Aborto, aborto, filho, aborto, filho, filho. Três e três, conta estranha. E agora os bolos, para ajudar a pagar natação e curso de inglês. Cliente não faltava. Só no boca a boca — nunca fez propaganda na vida. Verdade que o fato de Paulo Cesar trabalhar com vans escolares ajudava. Minha mulher é boleira, e das boas. Em fim de ano até recusava pedido, com jeitinho, para não fechar aquela porta. Que pena, não vai dar, e justo os cinco anos do Edinho, que praticamente vi nascer. Pena mesmo. Se tivesse falado com mais antecedência, quem sabe. Mas assim, em cima da hora... Claro que ninguém vai mudar a data de aniversário, casamento, por mais famosa que seja a boleira. Cake designer, nos Estados Unidos. No fim, dava para administrar a agenda e ainda fazer uma média nos aniversários

das filhas, as três entre novembro e dezembro, às vezes aproveitando bolo do filho dos outros que tinha dado errado.

Antes de abrir o envelope pequeno, Kátia se sentou. Dada a seriedade daquilo, melhor nem comentar com Paulo Cesar sobre a encomenda, a fofoca boa demais para não se espalhar. Tentaria não falar com ninguém; o segredo seria só dela até o dia da festa, como dona Paula instruiu na primeira vez. Desconversaria se alguém perguntasse sobre o bolo — bolo fácil de fazer e bem pago só por causa do sigilo. Absoluto, para garantir a surpresa.

Abriu com cuidado e demorou a encontrar o que interessava. Em cima, Natália de Souza Leite Serro de Araújo, paciente, e lá no meio a informação pertinente. Sorriu. It's a boy, como foi com a princesa Kate. Pelo visto, a filha de dona Paula também tinha nome de princesa, comprido. Ia comprar o corante em gel importado, mais caro, e garantir o recheio perfeito. Talvez intercalasse azul-céu com azul-escuro, para aumentar o impacto quando cortassem.

O design da cobertura não seria sua criação. Já recebera tudo detalhado, em dois arquivos. Até o

tipo de letra com que escreveria “He or She... open to see!”, no terceiro andar do bolo, estava determinado. Depois descobriu que era imitação de outra festa daquele tipo, só que em Nova York, então os convidados não saberiam. Pelo que dona Paula comentou, a decoração da mesa, e de toda a festa, seria metade azul, metade rosa. Gender Reveal Parties eram o futuro, substituiriam os chás de fraldas; Kátia precisava começar a se familiarizar, porque seria o primeiro de muitos bolos, podia apostar. E foi por causa de seu espanto que acabou convidada para “passar por lá”. Ver o portal da entrada onde os convidados dariam seus votos e formariam as torcidas, azul e rosa, e também o painel onde escreveriam sugestões de nomes. Festa com cerimonialista e tudo; gasto que daria para comprar um bom carro usado.

Mas dona Paula às vezes voltava atrás na simpatia. Parecia até arrependida do convite quando ressaltou que a festa não era para crianças, como se com medo de ela levar as suas. Até parece que levaria. Kátia sentiu subir de novo ao rosto aquele sentimento, o orgulho que temia qualquer hora não conseguir esconder, a vontade de dispensar metade das clientes, as mais esnobes, e que se danasse o curso de inglês das meninas. Ora, sua casa estava sempre cheia

de bolos, doces e guloseimas; não precisava levar penetra para encher barriga e roubar bem-casados.

Mesmo assim, a curiosidade maior do que o orgulho, levaria o bolo e ficaria para a festa. Iria sozinha — ou melhor, só ela e o bolo.

Kátia chegava à festa com um bebê rechonchudo, de olhos grandes, e todas as mulheres aplaudiam. O bebê, com a bata bordada igual à do batizado real, se empolgava e tentava bater palminhas também. Ela o colocava ao lado do bolo e o fotógrafo dizia: vamos, esmaga! Kátia se ressentia: se soubesse que era um Smash the Cake não teria comprado o corante mais caro. Ela tentava encontrar dona Paula, explicar que o bolo para a sessão de fotos era de outro tipo, inclusive mais fácil de destruir. Aí percebia que havia se enganado de festa, levado o bolo e o bebê errados, mas ele já estava todo lambuzado de azul. E agora, e agora?

Não era para despertar curiosidade, mas a filha mais nova estava começando o curso de inglês e ficava procurando palavrinhas fáceis nos letreros e nas

embalagens para se exibir com a tradução. O He or She chamou sua atenção, daí veio a filha mais velha, e começaram as perguntas. Saiam daqui, me deixem trabalhar, e Kátia colocou o bolo na prateleira mais alta. Estava inquieta, dormira mal, e sua própria curiosidade sobre a festa da filha de dona Paula havia se transformado em mal-estar. De vez em quando, pegava o exame de sangue para ler de novo “sexo masculino”, como se pudesse ter olhado errado. Ia à festa porque tinha que ir.

Nas três vezes em que ficou grávida e teve os filhos, Kátia soube o sexo durante o exame de ultrassom, que nem todo mundo. Mas sempre havia alguma possibilidade de engano. Tem certeza?, perguntou Paulo Cesar ao médico quando soube da terceira menina. Mas, no caso do exame de sangue, não restava qualquer dúvida, já na oitava semana de gravidez. Só se Kátia estivesse delirando e as letras não estivessem no papel. Estavam. He, azul-céu intercalado com azul-escuro, tudo camuflado por pasta americana bem branquinha e patinhos amarelos em glacê real.

Estava saindo para entregar o primeiro dos três bolos do fim de semana quando viu o motorista de dona Paula. Ficou aliviada: se ela mandara pegar o

bolo, era porque não queria mesmo Kátia de convidada. Melhor assim. Não, seu Geraldo, não é esse bolo, o da dona Paula é outro, já vou pegar. Mas o motorista nem piscou e foi lhe estendendo um envelope branco. Não vai ter mais festa, não, baixou a cabeça, e Kátia achou que espatifaria o bolo do Homem-Aranha no chão.

“Kátia, por favor, destrua o bolo. E também aquele exame que lhe enviei antes. Jamais comente o conteúdo com ninguém. Não queremos saber o que seria. Entenda o nosso luto e aceite esta compensação por seus serviços.” A caligrafia perfeita sobre papel-cartão com monograma da família, uma rubrica no lugar da assinatura, um maço de notas de cem reais.